

O peso da soja na economia do estado do Paraná

Ronaldo Bulhões¹

Resumo: O principal objetivo deste trabalho é analisar a produção de soja e sua inter-relação com a agropecuária e agroindústria na economia do Paraná, tomando como base a safra 2003. O estudo está assentado nas teorias de Hirschman e Perroux. A análise foi realizada levando em consideração fatores como Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária, Valor Adicionado Fiscal (VAF), exportações, entre outros. Verificou-se que a soja é produzida em praticamente todas as regiões do Estado, sendo responsável pela maior fonte geradora de renda agropecuária na maioria dos municípios e também do Paraná, com 24,9% do VBP em 2003. Com relação ao processamento, somente o segmento de óleos e gorduras vegetais respondeu por 11,4% do VAF em 2000. Em 2003 o complexo soja: grão, farelo e óleo – participou com 34,6% do valor total arrecadado nas exportações do Paraná, constituindo-se na maior fonte geradora de divisas do Estado. Evidenciou-se que embora a produção agrícola do Paraná seja bastante diversificada, existe uma especialização em torno da soja.

Palavras-chave: soja, economia paranaense, agropecuária, agroindústria.

Abstract: The main purpose of this paper is to analyse the soybean production and its interrelation with agroindustry and farming in the Paraná state economy, taking as base the harvest of 2003. This study is based in Hirschman and Perroux theories. The analysis was carried through taking in consideration factors as Gross Value Production (GVP) farming, Value Added Tax (VAT), exportations, among others. It was verified that the soybean is produced in practically all the regions of the State, being responsible for the biggest source of farming income in the majority of the cities and also of the Paraná State, with 24.9% of the GVP in 2003. Considering the processing, only the vegetal fats and oil segments was responsible to 11.4% of the VAT in 2000. In 2003 the soybean complex: soybean grain, soybean bran and soybean oil - it participated with 34.6% of the total value of the Paraná exportations, being considerate the biggest source of exchange value of the State. Despite the Paraná agricultural production to be sufficiently diversified, there is a specialization around the soybean.

Key-words: soybean, Paraná economy, farming, agroindustry.

Área IV - Agricultura e Agronegócio Paranaense

¹ Professor do Curso de Economia da UNIOESTE/Cascavel. Endereço Eletrônico: ronaldobulhoes@unioeste.br

1 - Considerações gerais sobre a economia paranaense

O processo de desenvolvimento regional do Paraná contou com o apoio de várias organizações estatais, como: a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR), o Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP), o Banco do Estado do Paraná (BANESTADO), o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), a Companhia Paranaense de Energia (COPEL), a Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), dentre outras. Ao mesmo tempo, entidades privadas como Hermes Macedo, Móveis Cimo, Prosdócimo, Grupo Bamerindus, Batavo, Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá (COCAMAR) e a Cooperativa Agropecuária Mourãoense (COAMO) também deram sua contribuição (LOURENÇO, 2000).

Esses órgãos, em datas diferentes, criaram uma base estrutural, sobretudo, na infra-estrutura de ciência e tecnologia, transportes, energia e telecomunicações, que passaram a desempenhar seu papel no desenvolvimento da economia paranaense ainda na década de 1960, com o objetivo de superar a fragilidade interna buscando a integração do Estado com investimentos pesados em infra-estrutura. Assim, na década de 1970, aproveitando a condição favorável de crescimento acelerado da economia brasileira, ocorreu a modernização agrícola e agroindustrial do Estado e a implantação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC). O interior do Estado recebeu investimentos naqueles setores que ofereciam melhores condições de atração e desenvolvimento, principalmente, os complexos agroindustriais, cuja estrutura industrial tradicional (produtos alimentares – café, cereais e afins – e madeireiro) sofreu modificações, cedendo espaço para outros produtos (soja, milho, refino de óleos vegetais, produção de rações, abate de animais – frangos e suínos – têxtil, entre outros)² (BULHÕES, 2007).

O Paraná conseguiu, até meados da década de 1980, promover uma rápida e diversificada industrialização. No entanto, a partir de meados dessa década, em função da conjuntura econômica nacional e internacional desfavorável, esgota-se a capacidade de realização de investimentos produtivos por parte do setor público, momento em que o Estado entra em um processo de privatização (de bancos, rodovias, portos, telefonia, entre outros) que se acentua na década de 1990. No bojo

² Para um maior aprofundamento sobre esse assunto consultar: Augusto (1978), Trintin (2001), Peris (2003) e Ipardes (2005).

desses acontecimentos, o setor industrial paranaense passou por um importante ajuste estrutural, sobretudo na década de 1990.

O ambiente acima delineado resultou na importância que o setor agropecuário obteve na conformação do Produto Interno Bruto (PIB) paranaense. Na verdade, até a metade da década de 1970 a agropecuária superava a indústria na participação do PIB estadual. A partir de 2001 a agropecuária retoma o crescimento, aumentando a participação na renda estadual, ao mesmo tempo em que o setor de serviços sofre uma pequena redução ficando, em 2003, nos mesmos patamares da indústria (Tabela 1). Ressalte-se, conforme Ipardes (2005), que a forte reação da agropecuária em 2002-2003 decorreu dos efeitos positivos da combinação entre expansão da economia mundial, elevação das cotações das commodities e câmbio desvalorizado.

Tabela 1 - Participação do valor adicionado a preço básico, segundo classes e ramos de atividade no Paraná: 1990/2003 (em %)

Classes e ramos de atividade	1990	1995	2000	2001	2002	2003
Agropecuária	11,90	9,16	13,66	13,03	16,21	19,67
Indústria	45,69	41,13	41,27	43,81	40,79	39,94
- Indústria de transformação	31,97	22,78	23,91	26,49	24,81	26,45
- Serv. ind. e de utilidade pública	4,85	4,83	6,07	7,24	6,78	5,35
- Construção	8,83	13,49	11,26	10,06	9,18	8,13
Serviços	42,42	49,71	45,07	43,17	43,00	40,39
- Comércio	7,69	8,52	7,32	7,61	7,48	8,08
Total do Estado	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IPARDES (2006). Banco de Dados.

Nesse sentido, ao observar a distribuição das atividades econômicas do Paraná, verifica-se que a agropecuária ganhou espaço ante a indústria e os serviços. A posição da agropecuária na economia paranaense permite inferir que ela se apresenta como importante fornecedora de matéria-prima para o processamento ao mesmo tempo em que demanda e gera serviços.

Sendo assim, nas seções seguintes serão discutidos a agropecuária e a agroindústria, procurando destacar a questão da soja e suas interligações. Quantificar as várias interligações que a soja possui com os segmentos a jusante e a montante não é tarefa fácil. No entanto, pretende-se fazer algumas inferências sobre sua articulação com tais segmentos. Para isso, primeiramente fez-se uma caracterização da agropecuária paranaense levando em consideração o Valor Bruto

da Produção (VBP³) agropecuária utilizando os dados da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SEAB) referente a safra 2003. Em seguida analisou-se a importância da soja na estrutura da indústria paranaense com base no Valor Adicionado Fiscal (VAF⁴) utilizando-se dados e estudos realizados pelo IPARDES. Neste caso, o período considerado foi a década de 1990, pelo fato da distribuição regional do parque agroindustrial paranaense, segundo IparDES (2005), praticamente, não se ter alterado entre 2000 e 2003. Para ambos os casos o critério de análise foi a comparação do produto, segmento, área e região, em relação ao Estado do Paraná. E, por último, apresentou-se a distribuição espacial da agroindústria paranaense, bem como, o processo de comercialização da soja.

O trabalho está assentado nas teorias de Hirschman (1960) e Perroux (1967). Hirschman (1960) se preocupou com os investimentos em atividades enquanto indutoras de crescimento. Perroux (1967) estava preocupado com o papel de liderança dos segmentos produtivos pela dimensão ou do seu valor adicionado gerado ou pela natureza estratégica da própria atividade, pois em toda e qualquer estrutura de economia articulada existem segmentos que constituem pontos de dinamismo de crescimento. Finalmente, para esses dois autores, as inversões efetuadas em determinadas atividades induziriam o surgimento de outras atividades naqueles mesmos segmentos ou em outros segmentos que estivessem relacionados, de forma a preencher os espaços vazios existentes. Ou seja, o desencadeamento a jusante e a montante que dará o conceito de complexo agroindustrial.

³ O VBP é a soma de todos os valores produzidos pela agropecuária durante o período de um ano. Calcula-se o VBP considerando-se os dados de área, produção e preço de venda de produtos agropecuários. Assim, obtém-se o VBP multiplicando-se o valor de cada produto pelo seu preço de venda. O VBP possibilita visualizar o desempenho da agropecuária por meio dos seus padrões de eficiência (produção, produtividade, etc.) e é a referência para a agregação de valor nas transações seguintes, como cálculo do ICMS, PIS, COFINS, CPMF, entre outros (PARANÁ 2005b).

⁴ O VAF é a diferença entre os valores das operações de saídas de mercadorias e serviços, sujeitos ao ICMS, em relação aos valores de venda, consideradas as variações de estoque final e inicial. O VAF foi adotado por representar a agregação de valor, no sentido de transformação da produção primária por assim dizer e para identificar a contribuição que os principais segmentos da indústria, agroindústria e mesorregiões possuem para a economia paranaense (IPARDES, 2003a).

2 - Características da agropecuária paranaense

Em 2003 o VBP agropecuário do Paraná, que inclui 492 produtos/itens divididos pela SEAB em seis grandes grupos (principais culturas, pecuária, produtos florestais, hortaliças e especiarias, fruticultura e floricultura), atingiu o montante de R\$ 28,04 bilhões (Tabela 2). Verifica-se que em 2003 as principais culturas tiveram uma participação expressiva no VBP do Estado. O grupo da pecuária também se destaca ocupando a segunda posição no VBP em 2003. Esses dois grupos detêm 87,0% do VBP agropecuária do Estado, ficando, os demais grupos com 13,0%.

Tabela 2 - Valor Bruto da Produção Agropecuária, segundo os grandes grupos: safra 2002/2003

Grandes Grupos	VBP 2002/2003	
	VBP (R\$)	% Estado
Principais Culturas	15.396.312.159	54,91
Pecuária	8.990.641.788	32,07
Produtos Florestais	2.046.414.226	7,30
Hortaliças e Especiarias	986.967.338	3,52
Fruticultura	584.562.016	2,08
Floricultura	33.488.930	0,12
Total Paraná	28.038.386.457	100,00

Fonte: PARANÁ (2005b).

O grupo das principais culturas divide-se em subgrupos, cujos produtos são classificados de acordo com sua natureza e época de cultivo, quais sejam: grãos de verão⁵, grãos de inverno, outras culturas de verão e sementes e mudas. Os produtos que pertencem aos grãos de verão e algodão são os que possuem maior representatividade tanto em produção quanto em VBP.

A soja ocupa posição de destaque, tanto no grupo dos grãos de verão e algodão quanto no grupo das principais culturas, isto é, representa 24,9% do valor total da produção agropecuária do Paraná. Não muito distante da soja encontra-se o milho com 13,3% do VBP agropecuária do Estado. As culturas da soja e do milho, juntas, respondem por aproximadamente 38,2% do VBP agropecuária do Paraná (Tabela 3).

⁵ Ressalva-se que o verão, em termos de agricultura aqui tratada, vai desde a primavera até início do outono.

Tabela 3 - Principais Culturas – Culturas de Verão - por ordem de participação, produção, valor bruto da produção e percentual de participação no subgrupo e no Estado: safra 2002/2003

Produtos	Produção (ton.)	VBP (R\$)	% Grupo	% Estado
Grãos de Verão e Algodão				
Soja	11.018.749	6.991.088.463	57,87	24,94
Milho	14.403.495	3.721.517.020	30,80	13,27
Feijão	718.083	839.860.216	6,95	3,00
Café	117.273	281.521.555	2,33	1,00
Arroz	193.493	139.501.816	1,15	0,50
Algodão	71.743	90.061.517	0,75	0,32
Sorgo	39.248	8.562.828	0,07	0,03
Outros	12.154	9.259.502	0,08	0,03
<i>Total do subgrupo</i>	26.574.238	12.081.372.917	100,00	43,09
Outras Culturas de Verão				
Cana-de-açúcar	32.721.425	874.643.687	49,51	3,12
Mandioca	2.476.345	531.238.846	30,07	1,89
Fumo	100.768	355.576.242	20,13	1,27
Outros	1.294.364	5.018.266	0,29	0,02
<i>Total do subgrupo</i>	36.592.902	1.766.477.041	100,00	6,30
Sementes e Mudas				
Cana-de-açúcar	571.817	7.645.193	23,69	0,03
Trigo	186.630	7.590.234	23,52	0,03
Soja	245.635	7.479.581	23,17	0,03
Milho	7.345	282.716	0,88	0,00
Outros	284.909	9.280.195	28,75	0,03
<i>Total do subgrupo</i>	1.296.336	32.277.919	100,00	0,12
Total geral do grupo	64.463.475	13.880.127.877	100,00	49,51

Fonte: PARANÁ (2005b).

As culturas da soja e do milho são acompanhadas de longe pelos demais produtos do grupo das principais culturas. Os produtos que mais se aproximam são o feijão e a cana-de-açúcar que representam 3,0% e 3,1%, respectivamente, do VBP agropecuário do Estado.

No subgrupo dos grãos de inverno o trigo, apesar de um valor baixo, é o que possui uma maior aproximação 4,7% do VBP do Estado (Tabela 4). Observa-se que no grupo das principais culturas, aproximadamente 90,0% do VBP deve-se aos produtos cultivados no verão. Por outro lado, o terceiro grão mais produzido (trigo), pertence à cultura de inverno.

Tabela 4 - Principais culturas - grãos de inverno - por ordem de participação, produção, valor e percentual de participação no subgrupo e no Estado: safra 2002/2003

Produtos	Produção (ton.)	VBP (R\$)	% Grupo	% Estado
Trigo	3.281.715	1.318.634.247	86,97	4,70
Aveia	322.433	123.581.019	8,15	0,44
Cevada	184.785	71.018.592	4,68	0,25
Outros	5.970	2.950.425	0,20	0,01
Total do subgrupo	3.794.903	1.516.184.283	100,00	5,40

Fonte: PARANÁ (2005b).

Outro grupo que merece atenção na produção agropecuária do Estado é a pecuária. Esta, além de contribuir com 32,1% do VBP agropecuário do Estado, é consumidora do subproduto da soja como a ração, por exemplo. Na pecuária a criação de aves se destaca com 36,0% do grupo e 11,5% do VBP agropecuária do Estado. Em seguida vem a criação bovina, pecuária comercial e criação suína com 8,4%, 5,5% e 4,4%, respectivamente, do VBP agropecuária do Estado (Tabela 5).

Tabela 5 - Pecuária, por ordem de participação, valor e percentual de participação no grupo e no Estado: safra 2002/2003

Produtos	VBP (R\$)	% Grupo	% Estado
Aves	3.236.838.736	36,00	11,54
Bovinos	2.364.877.451	26,30	8,44
Produção Pecuária Comercial ¹	1.545.595.972	17,19	5,51
Suínos	1.233.063.208	13,72	4,40
Outros	610.266.421	6,79	2,18
Total	8.990.641.788	100,00	32,07

Fonte: PARANÁ (2005b).

Nota específica: 1. Ovos, leite, casulo (seda), mel, entre outros.

Dos 13,0% restantes do VBP agropecuária do Paraná (Tabela 2), 7,0% correspondem ao grupo dos produtos florestais, sendo que o *pinus* (destinado a serraria, laminadora e papel e celulose) e a madeira em tora para serraria (eucalipto, araucária entre outras) representam 89,0% do VBP do Grupo. No grupo das hortaliças e especiarias, que responde por 3,5% do VBP do Estado, a batata inglesa, a couve-flor e o tomate, juntas, são responsáveis por 53,6% da geração de renda do grupo. Esses produtos, com exceção do tomate, figuram como um dos dez principais produtos geradores de renda em alguns municípios do interior do Estado. O grupo da fruticultura representa 2,1% do VBP agropecuária paranaense, sendo que a laranja, a uva de mesa e a banana representam 50,9%. Finalmente, a floricultura com 0,1% possui a menor participação no VBP do Estado, sendo que esse grupo

não possui produtos figurando entre as dez principais fontes de renda dos municípios do Estado (PARANÁ, 2005b).

Uma forma de melhor compreender a distribuição da agropecuária (produção/criação) paranaense é pela divisão político-administrativa feita pela SEAB⁶. Conforme a divisão da SEAB, a soja é responsável pela maior fonte de renda em treze Núcleos Regionais e pela segunda maior fonte de renda em dois Núcleos Regionais. O frango de corte é a principal fonte de renda em outros três Núcleos Regionais e a segunda fonte de renda em dois Núcleos Regionais. O milho é a principal fonte de renda em somente um Núcleo Regional. Contudo, o milho safra normal e safrinha é a segunda maior fonte de renda em oito Núcleos e a terceira maior fonte de renda em outros seis Núcleos (PARANÁ, 2005b).

Dos vinte Núcleos Regionais somente quatro não possuem a soja como uma das três principais fontes de renda, sendo eles: Curitiba, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. Nestes Núcleos destacam-se a criação bovina em Paranavaí (e Umuarama), pinus (produtos florestais) em União da Vitória, hortaliças em Curitiba e banana em Paranaguá (PARANÁ, 2005b).

Os Núcleos de Francisco Beltrão e Laranjeiras do Sul possuem a criação de frango e o cultivo de milho como principais fontes de renda, ficando a soja com a segunda maior fonte de renda. Na verdade, a soja, o milho e o frango não ocupam uma das três principais posições no que diz respeito à geração de renda somente em dois Núcleos Regionais: Paranaguá e Paranavaí (PARANÁ, 2005b).

A posição alcançada pela soja é fruto de um processo ocorrido ao longo das últimas décadas do século XX. Suzuki Jr (2003) fez uma análise sobre o comportamento do VBP de 57 culturas temporárias e permanentes no Paraná, entre 1981 e 2001, constatando um comportamento adverso na década de 1980 [queda na participação da soja (-25,8%), feijão (-62,5%), café (-39,0%), arroz (-43,0%) e mandioca (-10,0%); e elevação na participação do milho (22,6%), algodão (66,7%), cana (251,5%) e fumo (105,0%)] em função da conjuntura econômica interna e externa. Fonseca e Salles Filho (1992) e Lourenço (2000) atribuem essa adversidade à redução no volume de recursos destinados ao financiamento agrícola,

⁶ A divisão político-administrativa feita pela SEAB é composta de 20 Núcleos Regionais, a saber: Apucarana, Campo Mourão, Cascavel, Cornélio Procopio, Curitiba, Francisco Beltrão, Guarapuava, Irati, Ivaiporã, Jacarezinho, Laranjeiras do Sul, Londrina, Maringá, Paranaguá, Paranavaí, Pato Branco, Ponta Grossa, Toledo, Umuarama e União da Vitória (PARANÁ, 2005b).

às quedas nos preços internacionais da maioria das commodities e produtos agroindustriais exportados pelo Brasil, principalmente, a partir do final do governo Sarney e início do governo Collor.

No entanto, entre 1991/2001 a soja registrou uma elevação de 88,2%, seguida pelo milho (25,7%) que teve uma continuidade no crescimento. Outras culturas que registraram crescimento na década de 1990 foram a cana (13,9%), a mandioca (130,8%) e o fumo (70,7%). A cultura do feijão manteve-se praticamente estável na década de 1990, com variação de 1,7%. O algodão, o café e o arroz registraram queda de 89,3%, 94,0% e 50,8%, respectivamente, no mesmo período, sendo que o café e o arroz seguiram a mesma tendência de queda da década anterior. As frutas, legumes e verduras registraram crescimento de 427,4% e 51,5%, respectivamente, entre 1981 e 2001. O mesmo ocorreu com a evolução da pecuária entre 1985 e 1995. A renda gerada com os bovinos passou de 8,9% para 9,2%, os suínos de 4,6% para 5,1% e as aves de 4,3% para 9,0% (SUZUKI Jr, 2003).

Suzuki Jr (2002; 2003) ressalta que esse comportamento se deve às transformações ocorridas no ambiente competitivo, derivadas do avanço da liberalização comercial; redução dos gastos públicos com a agropecuária (decorrente do agravamento da crise fiscal do Estado brasileiro); forte inserção no mercado internacional de alguns segmentos (entre eles soja, carnes e cana); substituição dos instrumentos tradicionais de financiamentos por mecanismos privados de vendas futuras; pelo aumento da participação dos recursos próprios no custeio da produção (consequência direta do razoável nível de capitalização dos produtores); e pelos ganhos de produtividade. O caso da soja contou, também, com o comportamento favorável dos preços em relação às demais culturas. Além desses deve-se acrescentar, ainda, de acordo com Wosch (2002) e Hubner (2005), fatores como conservação e manejo do solo, a Lei Kandir que desonerou as exportações dos produtos agropecuários semi-industrializados da cobrança do ICMS e a liberação do câmbio a partir de 1999 que gerou uma desvalorização do Real e um impacto positivo no desempenho das exportações.

Torna-se relevante observar que a oferta de crédito por parte do setor público, via Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), reduziu de US\$ 32,5 bilhões em 1980 para US\$ 6,1 bilhões em 2000. A perda maior foi no custeio de US\$ 20,4 para 4,5 bilhões, seguido pela comercialização de US\$ 7,4 para 0,9 bilhões e investimento de US\$ 4,7 para 0,7 bilhões (BCB, 2006). Nesse sentido, observa-se

que os produtos que registraram crescimento nos últimos 20 anos do século XX foram aqueles que melhor se ajustaram à falta de recursos públicos e à criação de formas alternativas de financiamentos, caso da soja, devido à negociação em mercados futuros, relação cambial favorável e financiamento com recursos próprios.

Assim, fica evidenciado que, embora a pauta de produtos agrícolas paranaense seja bastante diversificada, existe uma especialização em torno do cultivo da soja. Sua presença é marcante não só na produção, que se dá em praticamente todas as regiões do Estado, como também, na geração de renda. Na verdade, a soja, juntamente com o milho, faz parte de importante complexo de produção junto a agroindústrias (de ração, sementes, óleos vegetais e farelo, indústria de máquinas e equipamentos agrícolas, insumos, etc.) e atividades criatórias. O que significa que modificações abruptas em sua produção, quer seja por ordem natural (alterações climáticas) ou econômica (modificação nos preços, por exemplo) terão reflexos tanto nos produtores quanto nos integrantes de todo o complexo.

A relação da soja (e do milho) com o complexo agroalimentar fica evidente quando se verifica que as criações de aves, bovinos e suínos, exceto o trigo, ocupam as cinco primeiras colocações em termos de produção e geração de renda. O que sugere uma relação direta entre essas duas culturas e a atividade criatória, principalmente, de aves e suínos, porquanto a criação bovina se dá em regime de semiconfinamento, confinamento ou extensivo. Na verdade, existe uma relação inclusive na mesma propriedade, onde se tem uma combinação soja/milho/suínos, soja/milho/aves, soja/trigo, ou milho/suíno, entre outras, principalmente, nas propriedades em regime familiar.

A combinação do binômio soja/milho é uma prática comum entre os agricultores, sobretudo aqueles com propriedades menores. Esse casamento ganhou mais força em função de pesquisas que permitiram o melhoramento de sementes e recursos tecnológicos para cultivo fora de época, como é o caso do milho e soja safrinha. Além desses fatores, torna-se relevante considerar que a rotação entre a cultura da soja e do milho contribui para elevação de produtividade, por se tratar de uma leguminosa e uma gramínea⁷.

⁷ A EMBRAPA (2004; 2006) apresenta um estudo detalhado de adaptação e rotação de cultura no Paraná por mesorregião.

Torna-se importante ressaltar que a especialização em torno da soja seguida de diversificação produtiva (entre elas a criação de aves, suínos e bovinos), espelha as teses de Hirschman (1960), Perroux (1967) nas quais a atividade secundária complementa a atividade principal. A diferença é que neste caso, a atividade secundária (aves, suínos, bovinos, frutas, verduras, entre outros) representa não só uma fonte complementar ao produto principal, mas sim uma importante fonte de renda para o produtor e para o Estado (divisas e impostos como em aves, suínos e bovinos, por exemplo). O que significa um avanço em torno da soja em relação aos ciclos anteriores (cana e café), justificado, até mesmo, pelas características biológicas da soja, o que possibilita diferentes destinos em termos de consumo final.

A integração com o complexo agroindustrial possibilita um melhor aproveitamento das vantagens que ela oferece. Isto porque a soja, assim como os demais produtos, à medida que inicia o processo de cultivo utiliza insumos, financiamentos, combustíveis, máquinas e equipamentos, etc. Por outro lado, à medida que vai sendo comercializada tem seus preços alterados, em função dos custos de transportes, armazenagem, impostos, processamento, entre outros.

3 - A importância da soja na estrutura da indústria paranaense

Em 2000, 85,1% do parque industrial instalado no Paraná constituía-se de pequenos estabelecimentos⁸; 13,2% de médios estabelecimentos e 1,7% de grandes estabelecimentos. Nos pequenos estabelecimentos estão os segmentos do vestuário, produtos alimentares, madeira e mobiliário; nos médios estão os segmentos da madeira e produtos alimentares; e nos grandes estabelecimentos predominam os segmentos da química e, também, de produtos alimentares (IPARDES, 2003b).

Essa distribuição é formada por três grupos: o primeiro é composto pelas grandes empresas nacionais e multinacionais ligadas aos setores eletrometalmeccânico e em alguns segmentos da agroindústria. No segmento da

⁸ A Secretaria de Estado da Fazenda (SEFA) classifica como pequenos estabelecimentos as empresas com faturamento anual de até R\$ 1.200.000,00; médios com faturamento anual de R\$ 1.200.001,00 a R\$ 36.000.000,00; e grandes estabelecimentos aqueles com faturamento superior a R\$ 36.000.000,00. Ressalta-se que, dentre os pequenos, 61,7% correspondem à faixa de faturamento anual de até R\$ 150.000,00 (IPARDES, 2003a). O IPARDES (2005) faz uma análise detalhada sobre as empresas paranaenses.

eletrometalmeccânica destaca-se o setor material de transporte. No segmento da agroindústria entre as grandes empresas nacionais destacam-se a Sadia (carnes e massas), a Perdigão (carnes e ração), a Iguazu Café Solúvel e a Cacique Café Solúvel. Por sua vez, entre as agroindústrias multinacionais, destacam-se a Bunge (esmagamento de soja, fertilizantes, trigo e aves), a Cargil (esmagamento de soja) e a Parmalat (laticínios); no segundo grupo estão as cooperativas⁹, as quais têm ampliado sua diversificação produtiva e buscado consolidar suas marcas e uma maior participação no mercado externo. E, por último, no terceiro grupo estão as pequenas e médias empresas, onde predominam ambientes com restrição produtiva, sobre tudo, de natureza tecnológica e financeira (IPARDES 2003a; 2003b).

O processo de reestruturação ocorrido no Paraná na década de 1990 refletiu na participação dos vários segmentos na composição do VAF do Estado. Por exemplo, o segmento de material de transporte, papel e papelão, embalagens plástica (especialmente carnes e laticínios) e química (principalmente, fertilizantes e defensivos) registraram significativos avanços. Por outro lado, os segmentos como minerais não metálicos, mecânica, têxtil, bebidas, produtos alimentares, entre outros, mantiveram-se ou perderam participação na composição do VAF (OLIVEIRA, 2003; IPARDES, 2003b; CUNHA et al., 2003).

No segmento de produtos alimentares a queda mais se deve à redução no abate de bovinos e reses (7,0% para 0,7%) e óleos e gorduras vegetais (18,1% para 11,4%) entre 1990 e 2000. No caso do abate de bovino e reses, também foi afetado o segmento de couros e peles (1,2% para 0,5%) (Tabela 610). De acordo com Ipardes (2003b) o segmento de abate de bovinos e reses tem uma estrutura pouco estável, com freqüentes movimentos de ativação e desativação das plantas industriais e alternância, também constante, das empresas operadoras, que na maioria dos casos não são proprietárias das instalações.

⁹ As cooperativas atuam como organizações empresariais que dominam a oferta de matéria-prima no Estado (respondendo por cerca de 55,0% da produção agropecuária), detêm expressiva parcela da capacidade de industrialização e possuem estruturas gerenciais e de capitalização avançadas, semelhantes às das grandes empresas privadas. Com isso, as cooperativas buscam a agregação de valor à produção primária e diminuição da grande dependência da obtenção de reduzidas margens propiciadas pela simples comercialização de *commodities*. Considera-se ainda, que essas cooperativas atuam de forma regionalizada, o que facilita tanto a identificação de oportunidades quanto a alocação de recursos de forma mais eficiente em verticalização e integração, junto às regiões produtoras (OCEPAR, 2006; IPARDES, 2005).

¹⁰ Dos segmentos constantes na Tabela 6, serão abordados somente aqueles que possuem alguma ligação com o complexo soja.

A redução dos óleos e gorduras vegetais deveu-se à desativação das unidades de esmagamento da Ceval de Maringá e Paranaguá, unidade de derivados de milho da Seara de Sertaneja, bem como, à redução na produção da Cargil¹¹ (IPARDES, 2003a; CUNHA et al., 2003; OLIVEIRA, 2005). Belik (2001), ao se referir à indústria de óleos e gorduras diz que internamente a indústria se reestruturou em busca de produtividade e rebaixamento de custos, devido à falta de recursos governamentais, que marcou a expansão da soja no Brasil nas últimas décadas do século XX. Neste sentido, visando atingir esses objetivos, ocorreu uma concentração e expulsão do mercado de produtores diversificados. Os exemplos mais importantes foram dados pela saída do setor da Ceval – empresa diversificada que trabalhava com carnes e óleos vegetais, adquirida pela Bung & Born e pela venda da divisão de grãos da Sadia para a Archer Daniels Midland (ADM), configurando-se assim uma rápida desnacionalização de um setor que possuía domínio nacional¹². No caso do Paraná esses objetivos foram atingidos, conforme se observa na Tabela 6.

¹¹ A Cargil, em abril de 2006, iniciou as operações em uma fábrica de produtos de nutrição animal, com capacidade para produção de 1,5 mil ton./mês de Premix (núcleo vitamínico mineral) em Cascavel-PR (LOPES, 2006).

¹² Belik (2001) faz uma análise sobre as mudanças ocorridas nas agroindústrias brasileiras na década de 1990.

Tabela 6 - Participação percentual dos agrupamentos agroindustriais nas variáveis econômicas da agroindústria do Paraná: 1990/2000

Agrupamento	VAF		Números de Empregos		Números de estabelecimentos	
	1990	2000	1990	2000	1990	2000
Destilação de álcool e produção de açúcar e adoçantes naturais	7,9	8,1	14,0	12,2	0,7	1,0
Couro e peles	3,9	2,6	3,8	3,9	1,6	3,3
Artigos de couro	1,5	0,7	3,7	2,6	7,8	6,8
Fiação e tecelagem	5,4	5,4	5,7	7,0	0,9	1,4
Malharia e outros produtos têxteis	0,9	0,9	2,4	2,5	6,2	4,5
Fumo	16,4	2,4	2,7	0,5	0,3	0,6
Óleos e gorduras vegetais	18,1	11,4	3,5	3,1	0,7	1,3
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	8,2	5,1	13,8	4,4	25,4	12,9
Moagem de trigo	3,1	5,7	2,2	2,0	1,1	1,9
Panificação e pastifício	2,5	3,5	10,2	10,4	27,1	23,8
Industrialização de café	1,9	2,2	3,3	2,3	2,0	3,9
Processamento do milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	2,7	6,3	8,9	4,7	6,2	6,5
Sucos e concentrados naturais e conservas de frutas e legumes	0,4	0,9	0,9	1,5	1,4	2,9
Refeições e alimentos conservados	1,2	1,2	1,2	3,2	1,3	3,2
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	3,6	7,8	3,9	10,4	2,6	3,3
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	2,3	8,1	4,5	11,5	0,9	1,1
Abate de reses e bovinos e preparação de carnes e subprodutos	7,0	0,7	7,0	1,4	0,4	0,3
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	0,0	0,6	0,3	1,1	0,4	2,2
Leite e Derivados	1,7	4,9	2,0	4,8	2,5	7,6
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	0,1	1,5	0,8	2,6	6,7	4,2
Cerveja, chope e malte	6,7	9,5	1,0	1,2	0,1	0,3
Refrigerantes	3,2	5,3	2,1	3,1	0,8	1,2
Fabricação de refrescos naturais, mate solúvel e xaropes para refrescos	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,2
Fabricação de vinhos, aguardentes e licores	0,4	0,5	0,6	0,7	1,4	2,1
Rações e alimentos preparados para animais	0,9	4,7	1,3	2,7	1,4	3,4
Total da agroindústria	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Agroindústria/total da indústria de transformação	25,6	17,5	26,5	24,8	22,5	19,6
Outras indústrias/total da indústria de transformação	74,4	82,5	73,5	75,2	77,5	80,4
Total da indústria de transformação	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPARDES (2003b).

Embora tenha ocorrido redução no segmento de produtos alimentares, ao se analisar de modo específico os principais agrupamentos agroindustriais (Tabela 6), verifica-se um crescimento expressivo no setor de abate de suínos e aves de 3,6% para 7,8% e 2,3% para 8,1%, respectivamente, para o período considerado. De acordo com Belik (2001), o segmento de carnes de suínos e aves foi considerado uma das estrelas da estabilização econômica brasileira a partir de 1994. O consumo de frango, cujo mercado interno é de 75,0% da produção nacional, praticamente

dobrou na década de 1990. Em resposta ao crescimento do abate de aves e suínos, o segmento que experimentou um crescimento acentuado foi o de rações e alimentos preparados para animais, de 0,9% em 1990 para 4,7% em 2000. Em todos estes segmentos observa-se um crescimento no número de empresas e emprego.

O crescimento verificado no segmento de laticínios (1,7% em 1990 para 4,9% em 2000), em parte, é reflexo da reestruturação pela qual o setor passou em que, por exemplo, a Batavo de Carambeí – pertencente à Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLPL), braço leiteiro das cooperativas Copal, de Arapoti, Castrolandia, de Castro e da própria Batavo – foi incorporada pela multinacional italiana Parmalat (CUNHA et al., 2003).

O processamento do milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas registraram um crescimento significativo entre 1990 e 2000 (2,7% para 6,3%) (Tabela 6). Como o número de estabelecimentos se manteve e de empregados reduziu, deduz-se que o setor se modernizou obtendo ganhos em produtividade. No caso do milho o aumento no processamento se deu em resposta ao setor de avicultura e suinocultura, pois ele faz parte, juntamente com a soja, da composição da ração, cuja participação no VAF, também se elevou significativamente (0,9% para 4,7%). No caso da mandioca, o aumento se deu em função da quebra da safra no nordeste, principalmente na segunda metade da década de 1990.

O segmento de beneficiamento de café, mate, grãos e fibras apresentou perda significativa (8,2% em 1990 para 5,1% em 2000) na participação do VAF estadual. Essa queda se deve à redução na produção de grãos em função da quebra de safra por motivos climáticos e redução nos preços internacionais. O reflexo foi sentido também no número de estabelecimentos que reduziu de 25,4 para 12,9, bem como, no número de postos de trabalho que passou de 13,8 para 4,4 no mesmo período. No entanto, o agrupamento de industrialização do café registrou um crescimento de 2,5% para 3,5% na participação do VAF do Estado, no período considerado. O número de estabelecimentos se elevou e o de postos de trabalho reduziu (Tabela 6). De acordo com PARANÁ (2005a) o parque industrial do setor de café no Paraná é composto por empresas de torrefação, moagem e solúvel, predominando o pequeno e médio portes de capacidade de processamento industrial, localizados nas mesorregiões Noroeste, Norte Central e Norte Pioneiro.

O segmento de destilação de álcool e produção de açúcar e adoçantes naturais apresentou um crescimento discreto de 7,9% para 8,1% (Tabela 6). Esse setor reúne 31 usinas envolvidas com a produção de açúcar, destilaria de álcool hidratado (utilizado como combustível de veículos e álcool) e álcool anidro (utilizado na mistura com gasolina). A redução no número de empregos se deve, em grande parte, ao desenquadramento das atividades de corte de cana da atividade fabril, ao processo de terceirização de várias funções do transporte da cana-de-açúcar e às mudanças produtivas, com novas máquinas e processos redutores de mão-de-obra (IPARDES, 2003b; OLIVEIRA, 2003; 2005).

Um agrupamento que merece atenção é o de sucos e concentrados naturais e conservas de frutas e legumes, que teve sua participação no VAF do Estado duplicado, isto é, passou de 0,4% em 1990 para 0,9% em 2000. Além do VAF o número de postos de trabalhos e de empresas também acompanhou a evolução, praticamente na mesma proporção (Tabela 6). Essa evolução confirma a observação feita anteriormente e reflete a importância da diversificação agrícola como fornecedora de alimentos para os demais segmentos e como geradora de renda para os pequenos estabelecimentos agrícolas.

O fumo contou com uma queda expressiva tanto no que diz respeito à participação no VAF (16,4% para 2,4%), quanto no número de empregos (2,7 para 0,5) (Tabela 6). Tal fato é reflexo do fechamento da planta da Phillip Morris, em 1999, localizada na RMC (NOJIMA, 2002).

Torna-se relevante observar que os grandes responsáveis pela redução da participação do VAF da agroindústria na economia paranaense de 25,6% para 17,5%, no período considerado, ocorreu em função de quatro segmentos: fumo; óleos e gorduras vegetais; beneficiamento de café, mate, grãos e fibras; e abate de bovinos e preparação de carnes e outros subprodutos. Contudo, a redução da participação de alguns segmentos na composição do VAF muitas vezes é decorrente da reestruturação que o setor sofreu, ao mesmo tempo em que investimentos em outros segmentos puxam o VAF para cima como, por exemplo, o caso das montadoras de veículos e da indústria química.

Observa-se que os segmentos de destilação de álcool e produção de açúcar e adoçantes naturais, abate de suínos e aves e preparação de carnes e subprodutos e panificação e pastificação são os setores que mais geram postos de trabalhos. No caso do segmento de panificação e pastificação o número de estabelecimentos também é

grande, em contrapartida, o VAF é baixo, se comparado aos demais. Por outro lado, os segmentos de destilação de álcool e produção de açúcar e adoçantes naturais, abate de suínos e aves e preparação de carnes e subprodutos e óleos e gorduras vegetais possuem uma maior contribuição para o VAF do Estado, porém em um número menor de estabelecimentos. Isto se deve ao fato de que essas agroindústrias são de capital intensivo, com elevados ganhos de escala.

O desempenho da indústria na participação da renda do Estado, na década de 1990, é resultante, basicamente, da dinâmica dos segmentos agroindustrial e metalmeccânico. No decênio de 1990, houve um recuo desses segmentos, devido aos reflexos da abertura comercial e do Plano Real, em uma estrutura produtiva leve, sustentada em commodities e na fabricação de bens de consumo não-duráveis. No entanto, a partir de 2000, ocorre recuperação daquela participação, como resultado dos impactos conjugados do rompimento do câmbio fixo (ou flutuante em minibandas), em 1999, e dos novos investimentos, conseqüentes da abertura e da consolidação do Plano Real (IPARDES, 2005).

Esses números deixam evidente a importância da agropecuária para o Estado do Paraná. No caso da soja somente no segmento de óleos e gorduras vegetais são 11,4% do VAF em 2000. Na verdade, o efeito multiplicador vai além, quando se considera o abate de aves e suínos, laticínios, ração, fertilizantes, defensivos, custos de transportes, tributação, entre outros.

A articulação a jusante e a montante do complexo de produção é quem vai determinar a dinâmica regional e propiciar ganhos aos segmentos envolvidos. Uma forma de se observar tal articulação é pela distribuição espacial das unidades processadoras, bem como, da origem dos insumos e destino dos produtos elaborados.

4 - Distribuição espacial da agroindústria paranaense

Em termos regionais, 87,3% do valor adicionado fiscal da indústria de transformação paranaense está concentrada em três mesorregiões: Região Metropolitana de Curitiba (RMC), 64,5%; Mesorregião Norte Central: 11,6%; e Mesorregião Centro Oriental: 10,9% (Tabela 7).

Tabela 7 - Número de estabelecimentos industriais, participação em empregos e participação no valor adicionado estadual segundo mesorregiões paranaenses: 1990/1995/ 2000

Messorregiões	Estabelecimentos (abs)			Empregos (%)			VAF (%)		
	1990	1995	2000	1990	1995	2000	1990	1995	2000
Noroeste	778	996	1.520	3,26	6,06	6,57	1,65	2,08	2,17
Centro Ocidental	347	361	420	1,66	1,94	1,64	2,00	0,82	0,67
Norte Central	2.753	3.251	4.491	19,62	22,92	23,32	15,14	12,73	11,63
Norte Pioneiro	516	534	676	3,77	3,18	3,40	3,07	1,58	1,41
Centro Oriental	634	844	999	8,59	8,29	7,14	6,44	10,11	10,87
Oeste	1.187	1.417	1.927	6,07	6,64	7,85	5,08	4,14	3,24
Sudoeste	602	699	908	3,52	3,23	4,24	1,19	1,67	1,48
Centro-Sul	550	681	872	4,78	4,01	4,16	3,57	2,78	1,93
Sudeste	653	827	969	4,48	4,50	4,51	1,85	2,06	2,08
RMC	4.833	5.235	6.151	44,26	39,24	37,16	60,01	62,04	64,52
Total	12.853	14.845	18.933	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IPARDES (2003b).

Por sua vez, apesar de haver uma pauta com diferentes segmentos industriais de transformação no Estado do Paraná, aproximadamente, 90,0% do VAF industrial do Estado estão concentrados em cinco agrupamentos, a saber: metalmecânica; química; madeira; alimentos e bebidas; e vestuário, têxtil e couros.

Mesmo com a concentração industrial na região metropolitana de Curitiba, a agroindústria paranaense continua como fator de sustentação de grande parte das atividades econômicas do interior do Estado. A estrutura agroindustrial do Estado, mesmo diversificada, possui 45,0% de concentração em cinco agrupamentos: óleos e gorduras vegetais, que apesar de ter sofrido uma redução na década de 1990, é a principal atividade com 11,4% do VAF do Estado; em segundo lugar vem o grupo de bebidas com 9,5% do VAF; em seguida vêm à destilação de álcool e a produção de açúcar e adoçantes naturais, com 8,1% do VAF; abate de aves e preparação de carnes e subprodutos com 8,1% e, por último, o abate de bovinos e suínos e preparação de carnes e subprodutos com 7,8% (Tabela 6).

A distribuição espacial das agroindústrias nem sempre coincide com a dinâmica regional de uma determinada atividade. Um exemplo característico é o de processamento de gordura e óleos vegetais que têm 19,2% e 45,9% da capacidade de processamento concentradas nas mesorregiões Centro Oriental e Metropolitana de Curitiba, sendo que nestas mesorregiões a produção de soja é pouco expressiva em relação às demais mesorregiões do Estado. No caso da mesorregião Norte Central, a localização das agroindústrias está próxima da matéria-prima (Tabela 8).

Tabela 8 - Distribuição espacial dos principais agrupamentos da agroindústria paranaense em percentual do VAF no ano de 2000

Produto/ Mesorregião	Óleos e gorduras vegetais	Cervejas, chope e malte	Álcool e açúcar	Abate de aves	Abate de bovinos e suínos
Noroeste	-	-	45,1	-	-
Norte Central	23,3	-	28,7	25,9	6,7
Norte Pioneiro	-	-	21,2	-	-
Centro Oriental	19,2	49,4	-	-	19,5
Oeste	-	-	-	23,8	63,5
Sudoeste	-	-	-	30,0	-
RMC	45,9	48,7	-	-	-
Demais mesos	11,6	1,9	5,0	23,3	10,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPARDES (2003b).

As mesorregiões Norte Central, Norte Pioneiro e Noroeste são responsáveis por 95,0% da produção de álcool e açúcar do Estado. Assim como a RMC possui o núcleo forte da indústria paranaense, a mesorregião Norte Central se caracteriza por concentrar os quatro principais agrupamentos agroindustriais do interior do Estado. Por sua vez, as mesorregiões Oeste e Sudoeste são as principais responsáveis pelo abate de aves, suínos e bovinos do Paraná.

Em 2000, dez municípios concentravam 54,0% do VAF da agroindústria do Estado: Curitiba (RMC com 12,1%), Ponta Grossa (mesorregião Centro Oriental com 11,3%), Toledo (mesorregião Oeste com 5,3%), Maringá (mesorregião Norte Central com 5,2%), Apucarana (mesorregião Norte Central com 4,3%), Londrina (mesorregião Norte Central com 4,3%), Paranaguá (RMC com 3,6%), Cascavel (mesorregião Oeste com 2,8%), Carambeí (mesorregião Centro Oriental com 2,7%) e Araucária (RMC com 2,4%) (IPARDES, 2003b).

A distribuição regional da indústria e da agroindústria sugere que as plantas estejam próximas da fonte de matéria prima. Na verdade, a lógica econômica aponta para a especificidade do produto que se está industrializando. Para o caso de produtos perecíveis a indústria deve estar próxima da fonte de matéria prima (como é o exemplo dos derivados de leite, legumes, etc.) ou ainda, aquelas cujo transporte do produto beneficiado seja mais prático e barato (por exemplo, a cana e o minério de ferro). Por outro lado, existem aqueles produtos cuja planta não precisa necessariamente estar próxima da fonte. Um caso típico é o de processamento de soja, porém, existem outros, como a mandioca, o têxtil, o café, entre outros.

O IPARDES (2002) aponta a origem dos insumos e os destinos das mercadorias elaboradas para alguns segmentos da agroindústria paranaense. Entre eles, cita-se o caso dos óleos e gorduras vegetais que têm no mercado estadual 67,2% da origem dos insumos. Por outro lado, 37,7% são consumidos no próprio Estado, 26,1% vão para os outros Estados e 36,2% vão para o mercado externo. No abate de aves, 81,4% da origem da matéria-prima é estadual. O destino do produto elaborado é 60,4% para o próprio Estado, 34,2% para os demais Estados brasileiros e 5,4% para o mercado externo.

Em 2003, em seu conjunto, a matéria-prima para a indústria do Paraná teve como origem: 43,0% o próprio Estado, 31,8% outros Estados e 15,8% do exterior (a diferença para os 100,0% refere-se ao estoque inicial). Por outro lado, o mercado de destino foram 38,9% para o próprio Estado, 38,2% outros Estados e 13,5% para o mercado externo. No caso da indústria de alimentos 69,9% tem origem no próprio Estado, 20,5% vêm de outros Estados e 4,0% do exterior. Com relação ao destino, o mercado estadual representa 47,1%, outros Estados 33,0% e o exterior 12,7% (IPARDES, 2005)¹³.

No caso da soja, em seu processo de comercialização, geralmente se destina às fábricas para processamento ou é exportada in natura. Os produtos derivados do processamento são destinados parte para o mercado interno e parte para exportação. As exportações, geralmente, são efetuadas pelas próprias indústrias, enquanto a soja em grão é exportada por cooperativas (que muitas vezes também processam a soja em grãos), indústrias ou agentes exportadores (BULHÕES, 1998).

Em relação às exportações, da produção total de soja do Paraná, cerca de 48,0% é esmagada no Estado, 48,0% é exportado e 4,0% reservado para semente (PARANÁ, 2005a). Em 2003, o complexo soja - grão, farelo e óleo - participou com, aproximadamente, 34,6% do valor total arrecadado nas exportações paranaenses. É importante observar que apenas 4,8% do complexo soja exportado correspondem a produto totalmente elaborado (óleo de soja refinado). Este é um indício que existe espaço para adicionar valor ao produto, desde que o mercado externo aceite é claro. Se adicionar ao complexo soja o segmento de carnes o percentual chega a 43,8% (Tabela 9). Um percentual expressivo se for considerada toda pauta de exportação

¹³ O IPARDES (2005) faz uma análise detalhada sobre a origem da matéria-prima utilizada na indústria paranaense e dos destinos dos produtos elaborados.

do Estado. Os principais países importadores de soja do Paraná, de acordo com Suzuki Jr (2002), são a Espanha, Itália, Holanda, Portugal, China, Alemanha, França, Irã, México, Taiwan, Romênia, Venezuela, Grécia, Croácia, Irlanda, entre outros.

Conforme se observa na Tabela 9, aproximadamente, 57,2% das exportações paranaenses se devem aos produtos agropecuários, entre os quais figuram o açúcar e o café com 2,6% e 2,2%, respectivamente, bem como a carne com 9,2% do total exportado. A segunda posição na pauta das exportações pertence ao grupo de material de transporte com 19,0% do volume exportado em 2003.

Tabela 9 - Exportações paranaenses dos principais grupos de produtos nos anos de 1999 e 2003 (US\$ 1000 - FOB)

Grupo	1999	(%)	2003	(%)
Soja	1.667.043	42,39	2.476.454	34,62
- Soja mesmo triturada	603.714	15,35	1.077.249	15,06
- Farelo de soja	682.189	17,35	872.399	12,20
- Óleo de soja bruto	272.303	6,92	406.940	5,69
- Óleo de soja refinado	108.837	2,77	119.766	1,67
Material de transporte	356.378	9,06	1.362.839	19,05
Madeiras e manufaturas de madeira	462.107	11,75	758.421	10,60
Carne	321.338	8,17	657.778	9,20
Máquinas e instrumentos mecânicos	273.791	6,96	269.940	3,77
Açúcar	160.154	4,07	185.368	2,59
Papel e Celulose	140.824	3,58	178.725	2,50
Produtos químicos	71.995	1,83	174.109	2,43
Café	213.328	5,42	154.126	2,15
Calçados e couro	74.674	1,90	67.937	0,95
Materiais Elétricos e eletrônicos	48.820	1,24	64.087	0,90
Demais produtos	142.112	3,61	803.550	11,23
Total	3.932.564	100,00	7.153.235	100,00

Fonte: BRASIL (2005).

Na verdade os valores acima apontados indicam que a elevação na renda agropecuária vem se mantendo, nas devidas proporções, por meio dos produtos articulados com a agroindústria e destinados aos mercados interno e externo e com um grau menor de subordinação dos recursos públicos.

Neste sentido, confirmam-se as teses de Hirschman (1960) e Perroux (1967) com relação à dinâmica que o segmento dominante, no caso o complexo soja, possui no seu entorno. Essa afirmação se sustenta quando se observa que a soja é produzida em praticamente todas as regiões do Estado, acompanhada de criação de

aves e suínos, processamento de ração, criação de gado leiteiro, fábrica de embalagens, equipamentos agrícolas, fertilizantes, infra-estrutura de transportes, entre outros. Alie-se a isto a origem da matéria-prima e o destino do produto elaborado. Neste caso, a fonte das matérias-primas, em sua grande maioria é o próprio Estado, assim como, o mercado consumidor grosso modo, pode-se dizer que 50,0% ficam no próprio Estado e 50,0% vão para fora (mercado nacional e internacional). Isso significa que há uma distribuição do produto elaborado e que o excedente destinado para fora do Estado serve como fonte de captação de recursos para dinamizar ainda mais o segmento.

Conclusões

Este trabalho teve como objetivo principal avaliar o peso da soja na economia do Paraná. Verificou-se que a soja é produzida em praticamente todas as regiões do Estado sendo responsável pela maior fonte de renda agropecuária na maioria dos municípios. A importância da soja vai além, quando se considera o processamento de ração, acompanhado da criação de aves e suínos, criação de gado leiteiro, fábrica de embalagens, equipamentos agrícolas, fertilizantes, demanda por serviços tecnológicos, entre outros. Ao se identificar os principais produtos agropecuários paranaenses, constatou-se que a soja é responsável por 24,9% do VBP agropecuária do Estado e que entre os dez primeiros, três possuem relação direta com a soja (aves, suínos e bovinos). Com relação ao processamento, somente o segmento de óleos e gorduras vegetais respondeu por 11,4% do VAF em 2000. Em 2003 o complexo soja: grão, farelo e óleo – participou com, aproximadamente, 34,6% do valor total arrecadado nas exportações paranaenses, constituindo-se na maior fonte geradora de divisas do Estado. Assim, verifica-se que embora a produção agrícola paranaense seja bastante diversificada, fica evidente a especialização em torno da soja.

Observou-se que o setor industrial passou por transformações, com participação significativa da agroindústria, o que induz pensar que a agropecuária cresceu em resposta a esse ambiente favorável, pois se apresenta como importante fornecedora de matéria-prima para o processamento. Neste sentido, a agropecuária, mesmo com 20,0% na conformação do PIB estadual, possui uma participação significativa na dinâmica econômica do Estado, sobretudo, no segmento da soja que

possui relações comerciais a jusante e a montante do complexo e está vinculada ao mercado nacional e internacional.

Outro ponto importante é que, salvo no caso do complexo soja (grão, farelo e óleo) que possui aproximadamente 50,0% de sua produção voltada para o mercado externo, os demais segmentos agroindustrializados possuem o mercado interno como destino. Essa condição pode minimizar os riscos provocados por crises externas (como a taxa de câmbio, por exemplo), fazendo com que a estrutura de produção e industrial absorva melhor os momentos de crise.

Assim, alerta-se as autoridades governamentais e instituições envolvidas com o complexo agroindustrial da soja sobre a importância desse segmento para a economia paranaense, sobretudo no interior, no sentido de orientar políticas norteadoras para o mesmo. Buscando, com isso, oferecer segurança no processo desde o cultivo até o consumo final, de forma que o segmento e a economia do Estado busquem maiores ganhos e uma maior geração de renda de forma sustentável.

Referências bibliográficas

- AUGUSTO, M. H. O. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – BCB. **Anuário Estatístico do crédito rural 2005**. Brasília: 2006. 1133 p.
- BELIK, W. **Muito além da porteira**. Mudanças nas formas de coordenação da cadeia agroalimentar no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 2001 (Coleção Teses).
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC. Secretaria de Comércio Exterior – SECEX. **Exportação brasileira: Paraná – principais produtos exportados**. Disponível em: www.desenvolvimento.gov.br. Acesso em: 30 mar. 2005.
- BULHÕES, R. **Análise da competição entre os portos de Paranaguá e Santos para a movimentação de Soja: Aplicação de um modelo de equilíbrio espacial**. 1998. 108 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1998.
- _____. **Limites e possibilidades para expansão da cultura da soja no Paraná**. 2007. 173 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. Campinas, 2007.
- CUNHA, S. K.; CUNHA, J. C.; OLIVEIRA, M. A. Novo Padrão de Especialização da Indústria Paranaense nos anos 90. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA-USP - SEMEAD, 6 - Faculdade de Economia, administração e

- Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2003, São Paulo. **Anais....** São Paulo: USP, 2003.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Cultivo de Sorgo**. Sete Lagoas: EMBRAPA milho e sorgo. Sistema de produção n 2. Disponível em: www.cnpms.embrapa.br/publicacoes/sorgo/index.htm. Acesso em: 19 mai. 2006.
- _____. **Tecnologia de produção de soja**: Paraná - 2005. Londrina: EMBRAPA Soja 2004. 224 p.
- FONSECA, R. B.; SALLES FILHO, S. A agropecuária brasileira. In.: CANO, W. (Coord.). **São Paulo no limiar do século XXI**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo; Secretaria de Planejamento e Gestão/SEADE, 1992. v. 2, p. 33-55.
- HIRSCHMAN, A. **A estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- HUBNER, O. **Prognóstico da soja**. Disponível em: www.pr.gov.br/seab. Acesso em: 09 mar. 2005.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES. **Arranjos produtivos e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90**. Curitiba: IPARDES, 2003a.
- _____. **Base de dados do estado - BDE**. Disponível em: www.ipardes.gov.br/. Acesso em: 11 ago. 2006.
- _____. **Os vários paranás**: estudos socioeconômico-institucionais como subsídio aos planos de desenvolvimento regional. Curitiba: IPARDES, 2005.
- _____. **Paraná**: Diagnóstico da base silviagropecuária e da estrutura agroindustrial do Paraná. Curitiba: IPARDES, 2002.
- _____. **Paraná**: Diagnóstico social e econômico. Curitiba: IPARDES, 2003b.
- LOPES, P. Cargil acelera avanço na área de nutrição animal. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 jul. 2006. Valor Agronegócio, p. B14.
- LOURENÇO, G. M. **A economia paranaense nos anos 90**: um modelo de interpretação. Curitiba: Ed. do Autor, 2000.
- NOJIMA, D. Crescimento e reestruturação industrial no Paraná: 1985-2000. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 103, p. 23-43, jul./dez. 2002.
- OLIVEIRA, M. A. Indústria paranaense na década de 1990: reestruturação e concentração. In: ENCONTRO DE ECONOMIA PARANAENSE – ECOPAR, 2, 16/10/2003, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2003. p. 499-516.
- _____. Matriz regional-econômica para o estado do Paraná: nova regionalização e segmentos industriais representativos. In: SIMPÓSIO ALTERNATIVAS DE REGIONALIZAÇÃO COM VISTAS AO PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO. 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: FEE, 2005. p. 1-68.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento – SEAB. **Perfil da agropecuária paranaense**. Curitiba, Novembro de 2003. Disponível em: www.pr.gov.br/seab. Acesso em: 14 jan. 2005a.

- _____. **Valor bruto da produção agropecuária paranaense:** safra 2002/2003. Disponível em: www.pr.gov.br/seab. Acesso em: 20 jan. 2005b.
- PERIS, A. F. (Org.) **Estratégias de desenvolvimento regional** – Região oeste do Paraná. Cascavel: Unioeste, 2003.
- PERROUX, F. **A economia do século XX**. Lisboa: Herder, 1967.
- SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ - OCEPAR. **A importância das cooperativas no desenvolvimento do Estado do Paraná**. Disponível em: www.ocepar.org.br. Acesso em: 06 set. 2006.
- SUZUKI JR., J. T. Dimensão econômica, desenvolvimento e perspectivas da cultura da soja no Paraná. **Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 24, n. 7-8, jul./ago. 2002.
- _____. O reordenamento produtivo da agropecuária paranaense. **Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 25, n. 5-6, mai./jun. 2003.
- TRINTIN, J. G. **A economia paranaense: 1985-1998**. 2001. (s.n), Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.
- WOSCH, L.F.O. O desempenho da soja como determinante do comportamento das exportações paranaenses. **Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 24, n. 9-10, set./out. 2002.